

INTELIGÊNCIA

Dificuldade de identificar e investir em pessoas com altas habilidades pode minar o talento nato

Sucesso de bilheteria, o filme *Quem quer ser um milionário* (2008), adaptação do livro do diplomata indiano Vikas Swarup, conta a história de um jovem pobre de Mumbai que tem o curso de sua vida transformado pelo desempenho surpreendente em um programa de auditório. Muitas outras pessoas, excepcionalmente inteligentes, ficaram famosas pela participação destacada nesse tipo de programa, como o brasileiro Ricardo Tadeu de Soares, nos anos 1980, e o norte-americano Christopher Langan, em 2008. Soares, que em 1992 entrou para o livro dos recordes como o advogado mais jovem do mundo (aos 16 anos), é o presidente da cervejaria subsidiária AB InBev, no México, desde 2013. Langan, mesmo considerado o homem mais inteligente dos Estados Unidos, não chegou a concluir o ensino superior e, atualmente, faz pesquisa sem filiação a instituições universitárias. Ambos tidos como pessoas fora dos padrões, Soares e Langan trilharam diferentes caminhos, e foram confrontados com



O talentoso personagem Jamal Malik sai da vida nas favelas para se tornar milionário

desafios e oportunidades. O brasileiro teve apoio familiar, frequentou ambientes acadêmicos excepcionais ao longo da vida e é considerado um homem de sucesso. Langan teve uma infância muito pobre, pouco suporte familiar e uma base escolar ruim, ou seja, menos condições para desenvolver suas habilidades. Sua pesquisa não é reconhecida, apesar de seus talentos intelectuais. Malcom Gladwell, autor do *bestseller Fora de série* (2008), trata exatamente dessas pessoas fora dos padrões, sejam homens de negócio, estrelas do rock ou gênios da ciência. Segundo dados da Associação Nacional para Crianças Superdotadas nos EUA, entre 6%

e 10% da população de estudantes daquele país é de alunos com altas habilidades/superdotação, o que representa entre 3 e 5 milhões de pessoas (2013-2014). Para os norte-americanos, os dados significam que ajudar as crianças com altas habilidades/superdotação é uma questão de desenvolvimento nacional. No Brasil, a especialista em educação especial, presidente do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD), Suzana Graciela Pérez Barrera Pérez, estima que há mais de 2,5 milhões de alunos com altas habilidades/superdotação matriculados nas escolas públicas e privadas da educação básica.

Divulgação

IDENTIFICANDO ALTAS HABILIDADES

A educação especial não é uma modalidade elitista, mas que visa atender ao público tanto de alunos com altas habilidades/superdotação quanto de portadores de deficiência e transtornos de desenvolvimento, cada um dentro de suas necessidades específicas. Em setembro de 2015, foi aprovado o projeto de lei para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento aos alunos com altas habilidades ou superdotação na educação básica e superior. Porém, segundo a ConBraSD, o projeto não prevê como será feita a identificação dos alunos e corre o risco do esvaziamento de cadastro – assim como aconteceu com o censo escolar que já registrava os alunos com altas habilidades/superdotação desde 1996 –, caso os professores continuem sem a formação adequada para lidar com a questão. Para valorizar esses talentos especiais é preciso saber identificar as crianças com altas habilidades/superdotação. De acordo com pesquisa publicada em 2013 pelo Departamento de Educação de Newfoundland e Labrador, no Canadá, não há um critério único para incluir ou excluir indivíduos dentro do conceito de superdotação que pode ser evidenciada em muitos domínios como o linguístico, o lógico-matemático, o espacial, o musical, o interpessoal, o

tecnológico, nos esportes e até na relação com os animais. A maneira como professores podem entender, identificar e lidar com crianças com altas habilidades, ou superdotadas, envolve critérios múltiplos de observação das habilidades cognitivas, como aptidão e criatividade, das realizações dos alunos e da opinião de pais, professores e colegas sobre o desempenho dessas crianças.

ATENDIMENTO Tanto os alunos com altas habilidades/superdotação, como seus familiares e professores têm o direito de serem atendidos no Brasil. Inclusive, a legislação prevê que o atendimento dos alunos seja feito em salas com recursos multifuncionais. Para Suzana, a política pública para atender aos alunos com AH/SD é somente na área educacional. Há dispositivos que preveem o atendimento: LDB, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e, teoricamente, deveria existir um núcleo de atividades de altas habilidades/superdotação (NAAH/S) em cada capital brasileira. Ela conta que esses núcleos, criados em 2005 pelo Ministério da Educação (MEC), com recursos da Unesco e em parceria com as secretarias de educação dos estados, “funcionam de forma muito irregular, dependendo

de interesse e apoio de cada secretaria”. Os NAAH/S fariam a identificação e, em alguns deles, também o atendimento educacional e capacitação de professores. Instituições privadas e filantrópicas também realizam atendimento a esses alunos, mas o número ainda é pequeno. Suzana Pérez esclarece que “a escola deveria trabalhar com os alunos de forma diferenciada, mas não o faz porque há poucos profissionais capacitados, visto que nas formações que o MEC oferece para professores de educação especial raramente são oferecidos conteúdos relativos a altas habilidades/superdotação”. Além disso, os professores de aula regular desconhecem o tema e há muitos mitos e crenças populares equivocadas e isso faz com que as crianças sequer sejam identificadas. “Por isso, eles continuam invisíveis e excluídos da educação”, lamenta a especialista. Suzana acredita que vincular altas habilidades/superdotação e sucesso é um mito constatado por diversos autores. “A habilidade acima da média tem um componente genético, mas também um componente ambiental. Ninguém desenvolve o potencial se não tiver oportunidade de desenvolvê-lo”.

Victoria Flório